

Oficina Cinema Brasileiro e Afro Religiões, São Paulo/SP - Inscrições até 26/04/2019

Ministrada por Ewerton Belico, diretor, roteirista, curador e professor, a oficina Cinema Brasileiro e Afro Religiões propõe um debate sobre diferentes modalidades de representação de formas de expressão afro religiosa no Brasil no documentário brasileiro moderno e contemporâneo.

(Itaú Cultural, 15/04/2019 - acesse no site de origem)

>>> Inscreva-se aqui <<<

Os encontros, que acontecem nos dias 8 e 9 de maio, integram a programação do Janela Forum.doc, que exhibe no Itaú Cultural obras que se destacaram na mais recente edição do forumdoc.bh - Festival do Filme Documentário e Etnográfico. Veja a programação da mostra de filmes [aqui](#).

O curso tem 30 vagas. **As inscrições vão de 15 a 26 de abril pelo [formulário](#)** e o resultado será divulgado no dia 2 de maio neste site.

Ewerton Belico é diretor, roteirista, curador e professor. Integra a Associação Filmes de Quintal, que promove o forumdoc.bh - Festival do Filme Documentário e Etnográfico, do qual é um dos curadores e coordenadores. Foi roteirista e codiretor do longa-metragem *Baixo Centro*, lançado na XXI Mostra de Cinema de Tiradentes, na qual venceu o Prêmio de Melhor Longa-Metragem, concedido pelo júri da crítica.

Oficina Cinema Brasileiro e Afro Religiões

quarta **8** e quinta **9 de maio de 2019**

às **19h**

[duração aproximada: 150 minutos]

Sala Multiúso (pisos 2) - 30 vagas

inscrições de 15 a 26 de abril pelo [formulário](#).

os selecionados serão divulgados no dia 2 de maio neste site.

Sessão Especial de “Elegia de Um Crime” com debate no CineSesc - São Paulo/SP,

14/03/2019

“ELEGIA DE UM CRIME”, de Cristiano Burlan, estreia com exclusividade no CineSesc, em São Paulo, dia 14 de março. A sessão se estreia será seguida de debate.

Estarão presentes para debater sobre questões abordadas no filme o diretor Cristiano Burlan, a diretora executiva da ONG Patrícia Galvão, Jacira Melo e com a mediação de Neusa Barbosa.

**O evento será gratuito e a retirada de ingressos acontece 1h antes da sessão.

Acesse o evento para mais

informações: https://www.facebook.com/events/378062532746691/?active_tab=about

—

Sinopse

Uberlândia, Minas Gerais, 24 de fevereiro de 2011. Isabel Burlan da Silva, mãe do diretor, é assassinada pelo parceiro. “Elegia de um crime” encerra a “Trilogia do luto”, que aborda a trágica história da família. Diante da impunidade, o filme mergulha numa viagem vertiginosa para reconstruir a imagem e a vida de Isabel.

O que a campanha #MeToo conseguiu mudar de fato?

O Oscar, o Globo de Ouro, o Festival de Cannes... até 2017, todos esses eram eventos em que - salvo raras exceções -, atores, atrizes, produtores e diretores trocavam tapinhas nas costas e elogios amistosos. Neste ano, no entanto, tornaram-se palco de uma campanha robusta de protesto.

(BBC Brasil, 21/05/2018 - acesse no site de origem)

O movimento #MeToo, uma campanha que se multiplicou entre as atrizes de Hollywood contra a cultura de assédio sexual no principal cenário do cinema mundial, tomou conta desses eventos e repercutiu em todos os cantos do planeta.

Tudo começou com um caso que veio à tona no jornal *The New York Times* acusando um dos maiores executivos de Hollywood, Harvey Weinstein, de ter assediado, abusado e até estuprado dezenas de atrizes. As primeiras acusações apareceram em 5 de outubro, e o poderoso produtor acabou demitido de sua própria empresa durante aquela semana. A “Caixa de Pandora” foi aberta. Weinstein nega ter se envolvido em sexo não consensual.

Em 15 de outubro, a atriz Alyssa Milano sugeriu no Twitter que todas as mulheres que

tivessem sido sexualmente assediadas ou agredidas respondessem para ela na rede social com a hashtag #MeToo (“Eu também” em tradução livre). A ideia era mostrar a dimensão do problema. Pelo menos meio milhão de mulheres enviaram suas respostas nas primeiras 24 horas.

Desde então, uma enxurrada de denúncias surgiu contra homens da alta classe do entretenimento, da mídia, da política e da tecnologia. Muitos negam as acusações. Até hoje surgem novas denúncias e novas repercussões, e a dinâmica de poder em Hollywood, sem dúvida, mudou.

Mas as mudanças mais efetivas que o movimento trouxe na prática, para além do universo hollywoodiano, ainda não estão tão claras: há algo de diferente acontecendo para as milhões de mulheres que compartilharam suas histórias com a #MeToo? Será que o movimento também trouxe mudanças para as vidas delas? Até que ponto esse protesto trouxe uma mudança real?

Efeitos

Uma iniciativa que surgiu a partir da campanha foi a proposta de criação de fundo para arrecadar dinheiro e fornecer ajuda legal a mulheres que sofreram assédio ou abuso, o “Time’s Up Legal Defense Fund”.

Mais de 300 atrizes, escritoras e diretoras lançaram o projeto em 1º de janeiro deste ano e arrecadaram US\$ 21 milhões (cerca de R\$ 78 milhões) em apenas um mês para ajudar a bancar os custos judiciais de processos de assédio sexual sofrido por mulheres no trabalho.

O National Women’s Law Center (NWLC) – centro de auxílio jurídico para as mulheres com sede em Washington DC – está reunindo as vítimas e indicando advogados para ajudá-las gratuitamente.

“Nós recebemos mais de 2,7 mil solicitações de mulheres de todos os Estados americanos e existem mais de 500 advogados na rede dispostos a ajudar nos casos do Time’s Up”, explicou Sharyn Tejani, diretora do fundo na NWLC, à BBC.

“O fundo prioriza casos envolvendo mulheres de baixa renda, outras que estão em empregos ‘não tradicionais’, pessoas negras, LGBT, e as que estão enfrentando retaliações legais por terem denunciado casos de assédio”, completou Tejani.

Tina Tchen, que também coordena os esforços de assistência jurídica do fundo, disse que os beneficiários incluem “trabalhadoras da construção civil, guardas prisionais e policiais”, e acrescenta: “Há homens que se apresentaram também.”

Ela explica que alguns desses homens vivenciaram o assédio sexual e outros as procuram por conta de suas esposas ou de algum familiar.

Esse foi outro fenômeno importante da #MeToo: o fato de lançar holofotes para os homens, que também apareceram como vítimas. Segundo Sian Brooke, do Instituto de Internet da Oxford, que estuda gênero e sexismo online, essa foi uma das revelações mais importantes do movimento.

“Um grupo pode receber atenção e ser levado a sério com relação a alegações de estupro, sem

tirar qualquer peso de outra parte”, observa ela.

O #MeToo ajudou vítimas a buscar ajuda?

De outubro a dezembro de 2017, as ligações para a Rede Nacional de Denúncias de Estupro, Abuso e Incesto nos Estados Unidos aumentaram 23% em comparação com o mesmo período de 2016.

Algumas vítimas chegaram a mencionar a hashtag #MeToo como uma influência para terem denunciado e afirmaram que ela ajudou a remexer a dor que estava adormecida. Outras afirmaram que não se sentiam mais sozinhas e tiveram coragem para falar sobre um trauma de abuso com familiares ou com outras pessoas que tiveram experiências similares.

“O movimento trouxe à tona o tema do assédio sexual e do abuso para a consciência das pessoas”, disse Brooke.

“Mesmo que parte da discussão seja crítica ao movimento, você ainda está trazendo uma consciência de que isso acontece”.

Uma organização sem fins lucrativos chamada 1in6, em Los Angeles, apoia os homens sobreviventes de abuso sexual. A diretora de comunicação do grupo, Meredith Alling, disse à BBC que a hashtag #MeToo teve um impacto rápido e importante no número de homens que procuraram a instituição quando o movimento veio à tona.

“Vimos um aumento de 110% no tráfego do site e 103% de aumento no uso do serviço online de ajuda do grupo entre setembro e outubro de 2017. E essa tendência continuou”, disse.

Ambiente de trabalho

Nos Estados Unidos, as empresas estão pensando em novas maneiras de criar um ambiente mais positivo no trabalho e uma cultura mais saudável depois do #MeToo.

Ted Bunch é o co-fundador de um grupo de ativistas que promove formas mais saudáveis e respeitadas de “ser homem” – são chamados “A Call To Men” (Um chamado para os homens, em tradução livre), e eles têm relatado um aumento da procura por parte das empresas.

“Vimos principalmente o aumento do número de empresas buscando entender por que o assédio sexual é tão comum nos locais de trabalho”, disse.

Brunch acredita que problemas podem surgir porque o ambiente de trabalho é um microcosmo da sociedade no qual homens e meninas são muitas vezes ensinados a verem mulheres como objetos, que valem menos.

“A maioria dos homens não é abusadora. Mas quase todos os homens já riram de piadas machistas, ou objetificaram as mulheres de alguma forma. Quando você liga os pontos e mostra para os homens que essas piadas que eles julgam serem inofensivas validam e alimentam o comportamento nocivo contra as mulheres, eles começam a querer mudar”, disse.

Além dos EUA

Fora do território americano, o impacto da campanha contra o assédio iniciada em Hollywood é sentido de forma diferente por diferentes grupos. No Reino Unido, uma consultora de recursos

humanos disse que ficou surpresa com a falta de demandas inspiradas no #MeToo.

“Não observamos nenhum aumento no volume de solicitações de treinamento ou mesmo no volume de treinamento que estamos recomendando. Não acho que tenha tido um impacto significativo”, disse Elaine Howell, gerente de RH da PlusHR.

“Temos clientes em serviços profissionais, clientes industriais, financeiros, marketing ... Parece ser algo bem específico para essa indústria [entretenimento]”.

Mas quando consultamos o sindicato de atores britânicos Equity, que representa mais de 43 mil profissionais, eles relatam uma experiência diferente.

O órgão não revela números exatos, mas afirma que houve um aumento significativo “em consultas e casos trabalhados desde o #MeToo”.

Para a vice-presidente do Equity, Maureen Beattie, a mensagem já ficou clara para o mercado: nenhum comportamento inadequado vai passar mais sem ser punido. “Se você faz algo errado com algum dos nossos membros, algo inaceitável, nós vamos atrás de você até o fim”, disse.

“Essas pessoas (abusadores) não foram embora. Estão embaixo de uma pedra. Estão se escondendo, esperando apenas o momento em que ninguém mais estiver olhando”, completou.

“Uma das coisas que estamos fazendo é pedindo às pessoas que estão no mercado há bastante tempo, pessoas que são estrelas, pessoas que têm influência, para ficarem de olho. Não que eles tenham de ser treinados para ajudar alguém que tenha sido assediado sexualmente, mas [eles] podem dizer: ‘Com licença? Você não pode agir assim com as pessoas’.”

Online e offline

A hashtag #MeToo ganhou fama recentemente, mas o movimento, originalmente, é mais antigo. Em 2006, a ativista negra Tarana Burke fundou o Me Too como uma iniciativa para reunir vítimas de violência sexual.

Desde que ele tomou maiores proporções com a chegada da hashtag na internet, ela se empenhou em fazer com que o movimento tivesse uma mudança mais efetiva em diferentes níveis da sociedade.

Um de seus comentários mais contundentes aconteceu uma semana antes dela andar no tapete vermelho do Oscar de 2017: “Se continuarmos apenas fazendo declarações e não partirmos para a ação, nós estaremos em apuros.”

Sarah Jackson, professora de estudos de comunicação na Northeastern University, acredita que o contexto é a chave para dar sustentação ao Me Too.

“Eu não chamaria a hashtag ‘Me Too’ de um movimento. Eu chamaria de uma campanha que é parte de um movimento maior. O movimento é pelos direitos das mulheres, é pelo feminismo. Eu diria que a #MeToo é um indicativo do tipo de debate que precisa acontecer”, disse.

“O próximo passo é dizer: ok, sabemos qual é o problema, então, como podemos fazer para expandir esse debate para o mundo todo?”

O Google, com o projeto “Me Too Rising”, conseguiu ilustrar como a conscientização com

relação a essa questão se espalhou pelo mundo.

As informações mostram que o termo foi buscado em muitas partes do planeta, mas a repercussão foi maior em alguns países. A liberdade de imprensa de um país ou o potencial das redes sociais também tiveram impacto nisso - ainda é cedo para dizer como o movimento vai influenciar os locais onde ele repercutiu de maneira mais discreta, como o Japão e a Coreia do Sul, por exemplo.

Karuna Nundy, advogada da Suprema Corte da Índia, compartilhou sua opinião sobre a relevância de #MeToo para o país, onde a revolta com crimes sexuais provocou ondas de protestos nos últimos anos.

“As conversas do #MeToo na Índia são limitadas a uma faixa de pessoas que falam inglês e têm acesso à internet. É bastante em números absolutos, mas pequeno para a Índia. No entanto, isso se soma às enormes conversas que já estavam acontecendo. A ideia de que a Justiça está falhando para as mulheres, e a desobediência civil pode ser legítima nesses casos”.

Nundy, que esteve envolvida no movimento para aprovar a lei anti-estupro na Índia em 2013, afirma que as vítimas agora são levadas mais a sério quando denunciam.

“Eu tive um caso de estupro ontem contra um produtor importante de Bollywood (a versão indiana da indústria americana do cinema). Minha cliente é uma mulher muito jovem que disse ter sido estuprada por um período de seis meses com lesão corporal. Independente da decisão do tribunal, acho que a forma como fomos ouvidas pelo presidente do Supremo Tribunal e pelos dois juízes é muito diferente da maneira como teríamos sido ouvidos, digamos, 15 anos atrás”, afirmou.

“Existe uma interação entre a consciência social, a lei e a Justiça de fato. E é exatamente isso que eu acho que está acontecendo. ”

Desse modo, talvez a #MeToo não seja um ponto final, mas o início de algo maior. Um toque para as pessoas buscarem mudanças nas suas comunidades e para lutarem por melhorias no sistema - especialmente para aquelas que não têm o poder para lutarem sozinhas.

Cannes tem protesto de 82 mulheres estrelas do cinema a favor de igualdade salarial

Número de participantes representa diretoras indicadas à premiação ao longo dos 71 anos de festival; indicações de filmes dirigidos por homens passa de 1.600.

(G1, 12/05/2018 - acesse no site de origem)

Cate Blanchett, Marion Cotillard, Salma Hayek e dezenas de outras mulheres do mundo do

cinema exigiram espaço e igualdade salarial no tapete vermelho de Cannes, neste sábado (12), em uma iniciativa histórica no maior festival de cinema do mundo.

“Desafiamos nossos governos e os poderes públicos a aplicarem as leis sobre igualdade salarial”, disse a cineasta Agnès Varda em nome de todas, na primeira edição do evento desde os escândalos envolvendo o produtor Harvey Weinstein.

O número de mulheres que tomaram parte do protesto foi escolhido propositalmente, em referência a quantos filmes dirigidos por mulheres já foram indicados à premiação ao longo dos 71 anos de história do festival. Em contraste com as 82 cineastas já indicadas, no total Cannes já teve mais de 1.600 películas dirigidas por homens nas listas anuais da seleção.



A atriz Salma Hayek participa de mãos dadas com outras mulheres do cinema de protesto no tapete vermelho de Cannes (Foto: Alberto Pizzoli/AFP)

A parada para fotos na escadaria também teve um significado. Simbolizava como “nem todas as etapas da ascensão social e profissional são acessíveis às mulheres”, segundo um comunicado do grupo 50/50 para 2020 e da Fundação Time’s Up, criada para ajudar as vítimas de assédio sexual após o caso Weinstein.

Na sequência, a presidente do júri, a australiana Cate Blanchett, leu uma declaração ao lado da cineasta francesa Agnès Varda, uma das raras diretoras da Nouvelle Vague. No júri, a diretora Ava DuVernay e Cate Blanchett fazem parte da Time’s Up.



A atriz Kate Blanchett, presidente do júri do Festival de Cinema de Cannes, participa de protesto feminino no tapete vermelho acompanhada pela cineasta Agnès Varda (Foto: Eric Gaillard/Reuters)

Durante anos, Weinstein frequentou o Festival de Cannes como um produtor todo poderoso. Até ser desmascarado por uma centena de estrelas e atrizes mais jovens que o acusaram de estupro e assédio sexual.

Para mostrar que não ignora essa situação, os organizadores do Festival distribuem este ano um folheto lembrando as penas previstas para delitos e crimes sexuais. O folheto traz um número de telefone útil para denúncias e um slogan: “comportamento correto exigido”.



As atrizes Kristen Stewart e Lea Seydoux participam de protesto feminino no tapete vermelho de Cannes (Foto: Loic Venance/AFP)

Compromissos concretos

O Festival também enviou um sinal forte ao escolher um júri predominantemente feminino, mas foi mais tímido em questões de assédio ou discriminação, dois tópicos que não foram discutidos na cerimônia de abertura. Hostil a qualquer discriminação positiva, a organização foi criticada por escolher apenas três mulheres em competição.

Na noite deste sábado, será exibida a primeira produção feminina na disputa pela Palma de Ouro, o filme “As Filhas do Sol” da francesa Eva Husson, sobre um batalhão de combatentes curdas comandado pela Sargento Bahar (Golshifteh Farahani). O segundo filme em competição é “Três Faces”, do iraniano Jafar Panahi, impedido de comparecer na mostra pelo governo de seu país.

Este dia “100% feminino” será seguido por uma série de debates e compromissos concretos até segunda-feira. No domingo, a ministra francesa da Cultura, Françoise Nyssen, apresentará, com sua colega sueca, Alice Bah Kuhnke, um projeto para apoiar financeiramente jovens diretoras em todo o mundo.

Na segunda-feira, uma carta para promover a diversidade e a paridade em festivais de cinema será assinada pelos três responsáveis pela seleção em Cannes, Thierry Frémaux, Edouard Waintrop e Charles Tesson.



Grupo de 82 mulheres do cinema posam juntas em escadaria durante protesto no tapete vermelho do Festival de Cinema de Cannes, na França. Elas exigem igualdade salarial e mais espaço (Foto: Eric Gaillard/Reuters)

Só 15% das produções da TV paga brasileira foram dirigidas por mulheres em 2017, por Ancelmo Gois

Não é só o cinema. A TV paga também é do clube do... Bolinha. Em 2017, 79% das obras brasileiras exibidas na TV por assinatura foram dirigidas por homens.

(O Globo, 29/03/2018 - acesse no site de origem)

E 6% tiveram direção mista. Os dados serão divulgados hoje pela Ancine, no Observatório Brasileiro do Cinema e do Audiovisual.

Ou seja...

Somente 15% das produções foram dirigidas exclusivamente por mulheres.

E olha que, entre os graduados em cursos de audiovisual no país, 53% são mulheres. E, no

universo das empresas produtoras, 52% dos empregos formais são delas.

Mostra Retrospectiva Helena Solberg - São Paulo/SP, 07 a 19/03/2018

A diretora Helena Solberg, única cineasta mulher a participar do Cinema Novo, ganha de 7 a 19 de março uma mostra inédita no Centro Cultural Banco do Brasil São Paulo. A retrospectiva, nunca antes realizada no Brasil, irá exibir toda filmografia da diretora, que completará 80 anos em junho deste ano, além de debates e uma aula magna. A entrada é gratuita para todas as sessões.

Detentora de uma carreira singular que completa cinco décadas, a diretora viveu por 30 anos nos EUA, onde construiu uma trajetória sólida do cinema militante e feminista. Embora pouco exibidos e raramente debatidos em âmbito nacional, os filmes de Solberg tiveram reconhecimento fora do Brasil e foram premiados em importantes festivais internacionais como o Festival de Havana, Festival de Chicago, American Film Festival, e o prêmio Emmy para “Das Cinzas - Nicarágua Hoje”, entre outros.

Com curadoria de Carla Italiano e Leonardo Amaral, a programação traz toda a obra de Helena Solberg, entre eles os curtas a “Entrevista” (1966), que entrevista moças de formação burguesa do Rio de Janeiro sobre casamento, sexo e política; o poético “Meio Dia” (1970), inspirado em “Zero de Conduta” (1933) do cineasta francês Jean Vigo; e a primeira realização de Solberg nos EUA “A Nova Mulher” (1974). Esta última, costurada coletivamente pelo grupo International Women’s Film Project, oferece um panorama histórico da luta feminina por igualdade desde o século XIX.

Juntamente a “A nova mulher”, as duas produções seguintes da cineasta compõem o que a pesquisadora Mariana Tavares chamou de “Trilogia da Mulher”: “The Double Day” (1975) e “Simplesmente Jenny” (1978). O primeiro examina as condições da mão de obra feminina na Argentina, Venezuela e Bolívia, enquanto o último se dedica à vivência de três jovens em um reformatório boliviano para adolescentes.

O olhar formal aguçado se alia a um sentido de urgência a fim de responder a sua época, culminando na segunda, e mais prolífica, frente de investigação de seu cinema: os documentários politicamente engajados, militantes, que transitam por países da América Latina. Dentre eles, destacamos: “Das Cinzas - Nicarágua Hoje” (1982), acerca do Movimento De Libertação Sandinista e sua luta contra o regime ditatorial de Somoza na Nicarágua; “Chile: pela razão ou pela força” (1983); e “Terra dos Bravos” (1986).

Não por acaso, o retorno da realizadora ao Brasil ocorreu por meio de uma das brasileiras de maior reconhecimento internacional, no filme “Carmem Miranda: Banana is My Business” (1994), finalizado no momento da chamada “retomada do cinema nacional”, nos anos 90.

A atual fase de sua carreira aponta para novos rumos: a adaptação ficcional de um diário toma

forma em “Vida de Menina” (2004), marcando sua estreia na direção de uma ficção em longa-metragem, enquanto “Palavra (En)cantada” (2009) e “Alma da gente” (2013) estreitam as relações entre música popular e poesia brasileira. Por fim, realiza o longa-metragem “Meu corpo, minha vida” (2017), que trata de uma discussão seminal nos atuais contextos sociais e políticos brasileiros: o aborto.

[Veja a grade de programação](#)

A Retrospectiva é patrocinada pelo Banco do Brasil e organizada pela coletivo Filmes de Quintal.

Serviço

Retrospectiva Helena Solberg

Data: de 07 a 19 de março de 2018

Entrada Franca

Local: CCBB São Paulo

Endereço: Rua Álvares Penteado, 112 - Centro | São Paulo - SP

Capacidade Cinema: 70 lugares

Horários e classificação indicativa no site

Ingressos: serão distribuídos a partir de uma hora antes de cada sessão, na bilheteria do local

Funcionamento da bilheteria: de quarta a segunda, das 9h às 21h.

Informações: (11)3113-3651 | (11) 3113-3652

cbbbsp@bb.com.br | www.bb.com.br/cultura | www.twitter.com/ccbb_sp |

www.facebook.com/cbbbsp | www.instagram.com/bancodobrasil

[Estudo revela que 94% de mulheres em Hollywood sofreram abuso sexual](#)

Um novo estudo publicado nessa terça-feira (20) revela como é sistemático e endêmico o assédio sexual a mulheres em Hollywood.

[\(Observatório do Cinema, 20/02/2018 - acesse no site de origem\)](#)

De acordo com informações do estudo feito pelo Centro de Recursos de Violência Sexual, 94% de 843 mulheres entrevistadas, revelam que sofreram algum tipo de abuso ou assédio sexual na indústria do cinema americano.

As mulheres revelaram diversos tipos de assédio, como comentários maldosos, forçadas a compartilhar imagens sexuais próprias e até mesmo, forçadas a fazerem sexo ou ficarem nuas em testes de elenco sem aviso.

No entanto, por medo de algum tipo de retaliação, apenas 1 a cada 4 mulheres reportou os

incidentes e que destas que denunciaram, apenas 28% disseram que sua situação profissional melhorou após as denúncias.

O estudo, feito em parceria também com a The Creative Coalition e Women in Film and Television, foi publicado no USA Today dessa terça.

Adolfo Molina

[Vá em frente, #MeToo!, por Soledad Gallego-Díaz](#)

O importante é que os crimes de estupro e abuso ficam impunes em boa parte do mundo

[\(El País, 19/02/2018 - acesse no site de origem\)](#)

Seria uma excelente notícia se o movimento de reivindicação feminista [#MeToo](#) continuasse de pé até a mudança de comportamentos muito difundidos entre a população masculina, que são um abuso contra o princípio democrático da [igualdade](#). E seria muito bom que os homens entendessem isso sem se escandalizarem tanto. O *MeToo* é um grande avanço democrático, não uma ameaça aos direitos civis. Por que tanta indignação? Alguns excessos podem acontecer? Certamente. Isso é bom? Não. Vamos tentar, juntos, evitá-los. Isso tira o valor do movimento de denúncia de comportamentos abusivos, mantidos em silêncio ou considerados inevitáveis? Absolutamente. Se o movimento *MeToo* conseguir acabar com esses comportamentos, teremos avançado na luta pelos [direitos humanos](#) e a igualdade.

O sensacionalismo consiste em distorcer a realidade, colocando a ênfase não no que é importante, mas em aspectos secundários que podem despertar mais emoções. O importante é que os crimes de [estupro](#) e [abuso sexual](#), que a maioria dos homens e mulheres considera repugnantes, ficam, no entanto, impunes em grande parte do mundo, seja porque não são denunciados ou porque o sistema jurídico não lhes dá a devida atenção. O importante é que os sistemas jurídicos, mesmo em países avançados democraticamente, não prestam atenção suficiente ao [assédio sexual](#). Um homem que se masturba na frente de uma funcionária ou aluna, caso seja denunciado e provado, é punido na Espanha com uma multa de 400 euros (cerca de 1.606 reais) se o comportamento for “reiterado”. Um estudo das [Nações Unidas](#) feito com mulheres parlamentares de 39 países indica que 82% delas se sentiram assediadas sexualmente ao longo de suas carreiras. Uma em cada quatro mulheres que usam o transporte público em Washington sofre algum tipo de assédio sexual.

Portanto, o fato de que esses casos sejam denunciados e originem uma investigação policial obrigatória seria uma excelente prática democrática que deveria ser universalizada. Nenhum homem foi para a prisão exclusivamente por causa da acusação de uma mulher. São os juízes ou os jurados que mandam os criminosos para a prisão. O medo de que a denúncia de abusos sexuais acabe com a carreira de dezenas, centenas, milhares de homens talentosos e talvez apenas um pouco brutos, vítimas de mulheres ressentidas, é absurdo. Para começar, não há

confusão alguma entre abusos e homens pouco sensíveis. Existe também em todo o mundo o crime de falsa denúncia, que na [Espanha](#) é punido com até dois anos de prisão. Finalmente, não é coincidência que a grande maioria dos homens denunciados pelo *MeToo* tenha reconhecido que teve esses comportamentos abusivos. Uma coisa é que estejam prescritos legalmente e outra que se pretenda que não provoquem rejeição social. Com que argumentos?

A exigência de favores sexuais em troca de manter o emprego, ajudar ou não paralisar a carreira profissional, recorrente no mundo do entretenimento, mas também no das empregadas domésticas, como lembrou a escritora [Beatriz Sarlo](#), no escritório ou na universidade, não é, de modo algum, uma forma de [prostituição](#), mas uma coação, que é uma grave violação do princípio democrático da igualdade. Não há violência, alega-se, e as mulheres podem dizer “não”. Acontece que, nesse caso, sacrificam suas carreiras, suas expectativas, sua vocação. Se não fizerem esse sacrifício são simplesmente um pouco putas? Isso é certamente o que muitos homens e até algumas mulheres pensam há séculos. Ousar dizer em uma democracia o que a maioria das pessoas pensa, mas cala, não é um ato de coragem (depende do que essa maioria pensa, não?) nem de exigência diante dos lugares-comuns, mas, precisamente, dar-lhe suporte.

[Número de denúncias por assédio sexual cresce na França](#)

Reação de atrizes nos EUA e na Europa fez com que denúncias de estupro crescessem 12% em 2017 em relação ao ano anterior

[\(O Estado de S. Paulo, 29/01/2018 - acesse no site de origem\)](#)

A reação de atrizes de cinema nos Estados Unidos e na Europa contra o assédio fez crescer em 2017 o número de denúncias por violência sexual em 12% em relação ao ano anterior na [França](#) - com um pico de testemunhos após a revelação do caso Weinstein. Esse foi o principal efeito visível até aqui da mobilização social envolvendo a questão sexual no país após a onda de manifestações [#metoo](#) e [#balancetonporc](#) nas redes sociais no final do ano.

Um relatório publicado pelo Ministério do Interior da França nesta semana indicou que as denúncias de estupro e de agressões sexuais - inclusive assédio - levadas ao conhecimento das polícias civil e militar no país cresceram 12% e 10%, respectivamente. O levantamento indica ainda que o crescimento foi mais pronunciado no final do ano, após a revelação do caso envolvendo o produtor de cinema americano [Harvey Weinstein](#) nos Estados Unidos. Após a eclosão do escândalo pela revista *The New Yorker*, campanhas foram lançadas nas redes sociais para estimular denúncias contra agressores sexuais. Na França, a reação gerou uma hashtag específica, [#DenuncieSeuPorco](#), na tradução livre.

Nesse mesmo período, concentrado no quarto trimestre de 2017, as denúncias cresceram 31,5% às autoridades francesas. As queixas de casos de estupro, em particular, aumentaram 18% no período em relação ao ano anterior. “Vê-se mais revelações às forças de segurança de

fatos eventualmente mais antigos, no contexto do movimento de tomada da palavra por mulheres após as revelações do caso [Weinstein](#)”, diz o documento do Ministério do Interior.

Das mais de 40 mil denúncias recebidas, pelo menos um quarto diz respeito a relações intrafamiliares, ou seja, de violência envolvendo pessoas da mesma família. O relatório traz ainda a análise de Ernestine Ronai, codiretora da Comissão de Violências do Alto Conselho para a Igualdade entre Mulheres e Homens. “O movimento de liberação da palavra faz com que mulheres se sintam mais fortes”, afirma a expert. “Elas acreditam que serão mais críveis, mais ouvidas e mais levadas em consideração.”

O mesmo relatório das autoridades adverte, porém, que a violência sexual continua a ser amplamente subnotificada às autoridades, o que distorce os números registrados pelo Ministério do Interior. Em solo francês, a polêmica sobre o tema também foi catapultada pela discussão intelectual entre grupos feministas e um coletivo de 100 personalidades, entre as quais a atriz [Catherine Deneuve](#), que assinaram um manifesto publicado pelo jornal Le Monde contra o suposto denunciamento, pelo que chamaram de “direito de importunar” e em defesa da liberdade sexual.

Após a controvérsia suscitada pelo artigo, [Catherine Deneuve](#) escreveu ao jornal Libération para lembrar que ela foi uma das personalidades que se lançaram à luta em favor da legalização do aborto na França e reafirmar suas ideias sobre a independência e a liberdade sexual, conquistas das últimas décadas. Mas, no mesmo texto, ela pediu desculpas às mulheres – “e apenas a elas” – que foram vítimas de violências sexuais e que eventualmente se sentiram chocadas pelo manifesto.

NÚMERO

18% cresceram as queixas de casos de estupro, em particular, às autoridades francesas no quarto trimestre de 2017 em relação ao ano anterior

[Globo de Ouro: O que você precisa saber sobre os protestos da premiação](#)

A edição de 2018 do Globo de Ouro, que acontece neste domingo, 7, trará o maior protesto feito até agora contra os assédios e abusos sexuais praticados em Hollywood — que foram massivamente denunciados e expostos no último ano, roubando o spotlight de qualquer filme que concorra ao prêmio.

[\(UOL, 07/01/2017 - acesse no site de origem\)](#)

Por trás da [iniciativa das mulheres que vestirão preto na data](#), no entanto, há uma ação muito maior, a “Time’s Up”. Entenda:

O que é?

A [“Time’s Up Now”](#) ou #TimesUp é uma campanha para estimular práticas que combatam e previnam o assédio e o abuso sexual dentro e fora da indústria do cinema.

Leia mais:

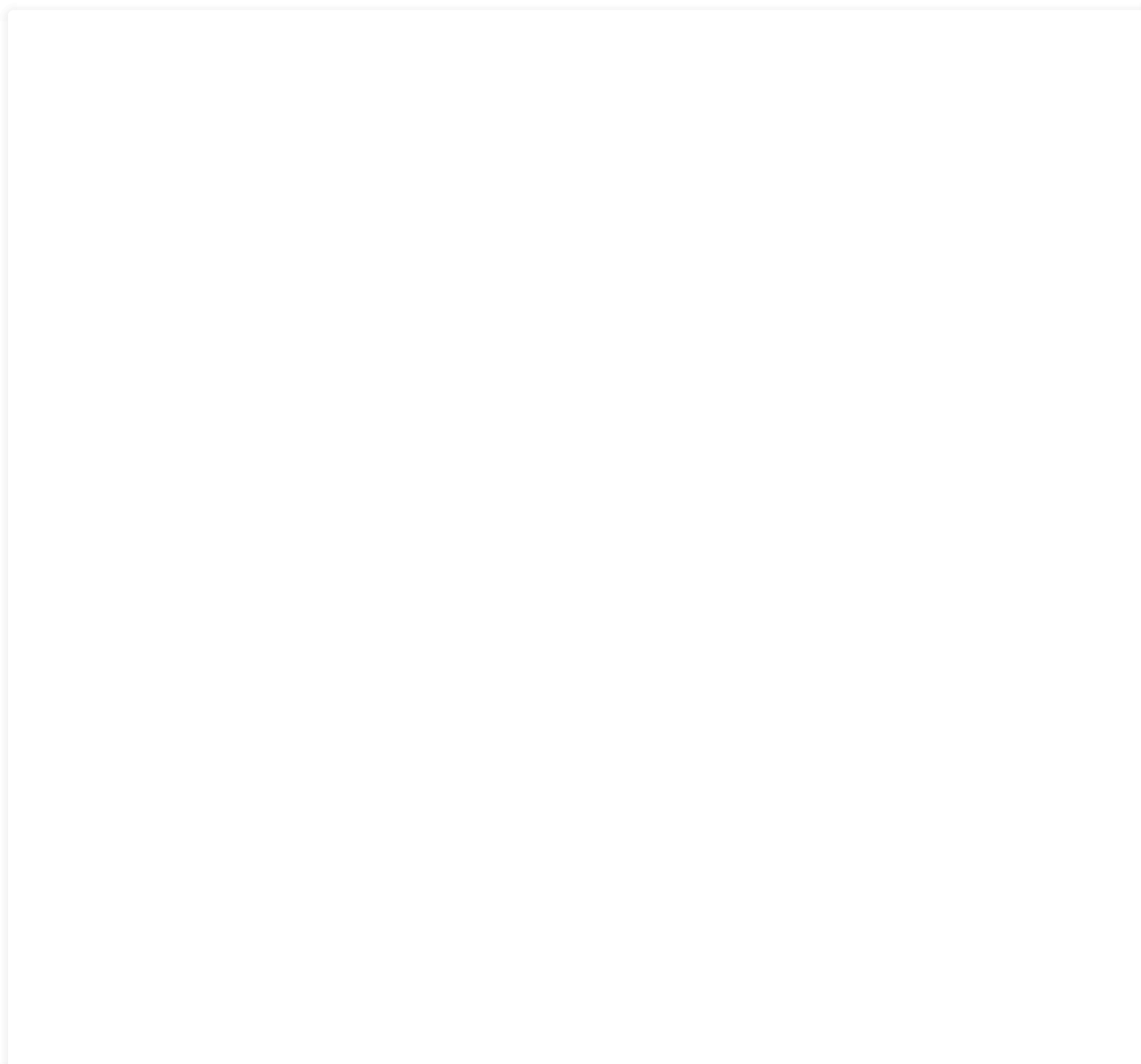
[Globo de Ouro 2018: ‘Big Little Lies’ e ‘Três anúncios para um crime’ são os maiores ganhadores \(G1, 08/01/2018\)](#)

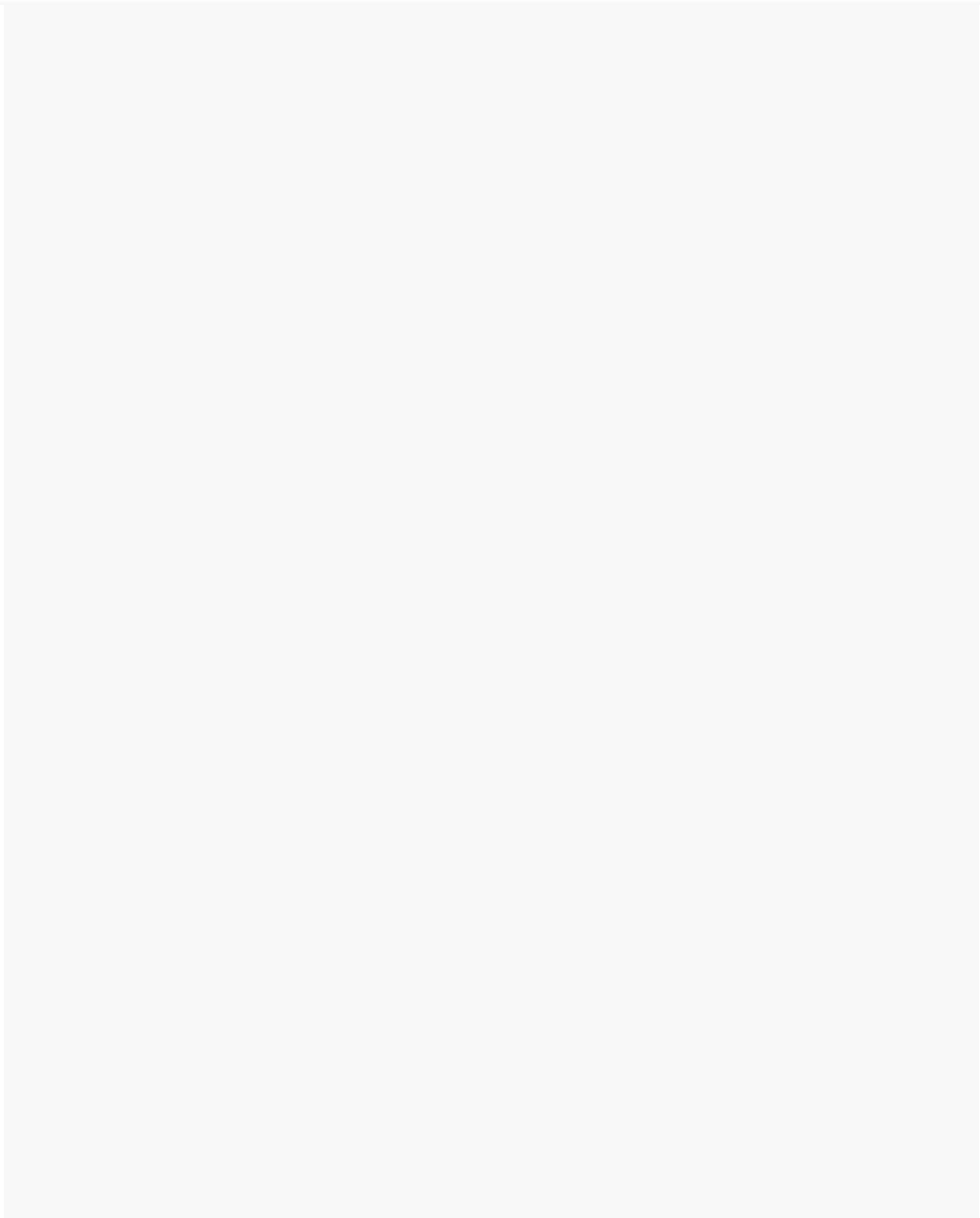
[Globo de Ouro 2018: Oprah Winfrey ganha homenagem e faz discurso sobre força das mulheres, assédio sexual e racismo \(G1, 08/01/2017\)](#)

Quais são as suas atividades?

É possível que todas as atividades relacionadas à campanha não tenham sido ainda divulgadas ou concebidas.

Mas, ao lançar a iniciativa através de seu site, as criadoras propuseram [um material educacional](#) sobre como lidar com um sobrevivente de violência sexual [ou como procurar ajuda legal e emocional se você é um](#), ofereceram informações sobre órgãos que já atendem homens e mulheres nestas situações de fragilidade, além de lançar um compromisso público de propor legislação que combate a prática e atenda quem sofreu com ela.





It's time to shift the balance in the workplace, from representing the few to representing us all.
#TIMESUP

Uma publicação compartilhada por [#TIMESUP](#) (@timesupnow) em 1 de Jan, 2018 às 7:46 PST

Suas duas ações de impacto mais direto, no entanto, são o protesto que trará as mulheres de preto ([e os homens com o pin do movimento](#)) à premiação, além da promoção de um Fundo de Defesa Legal para sobreviventes de violência sexual, com que grandes players do cinema, além

do público pode contribuir com doações.

O dinheiro será revertido para quem quer buscar justiça contra os seus agressores, mas não tem meios financeiros para tal.

Quem a faz?

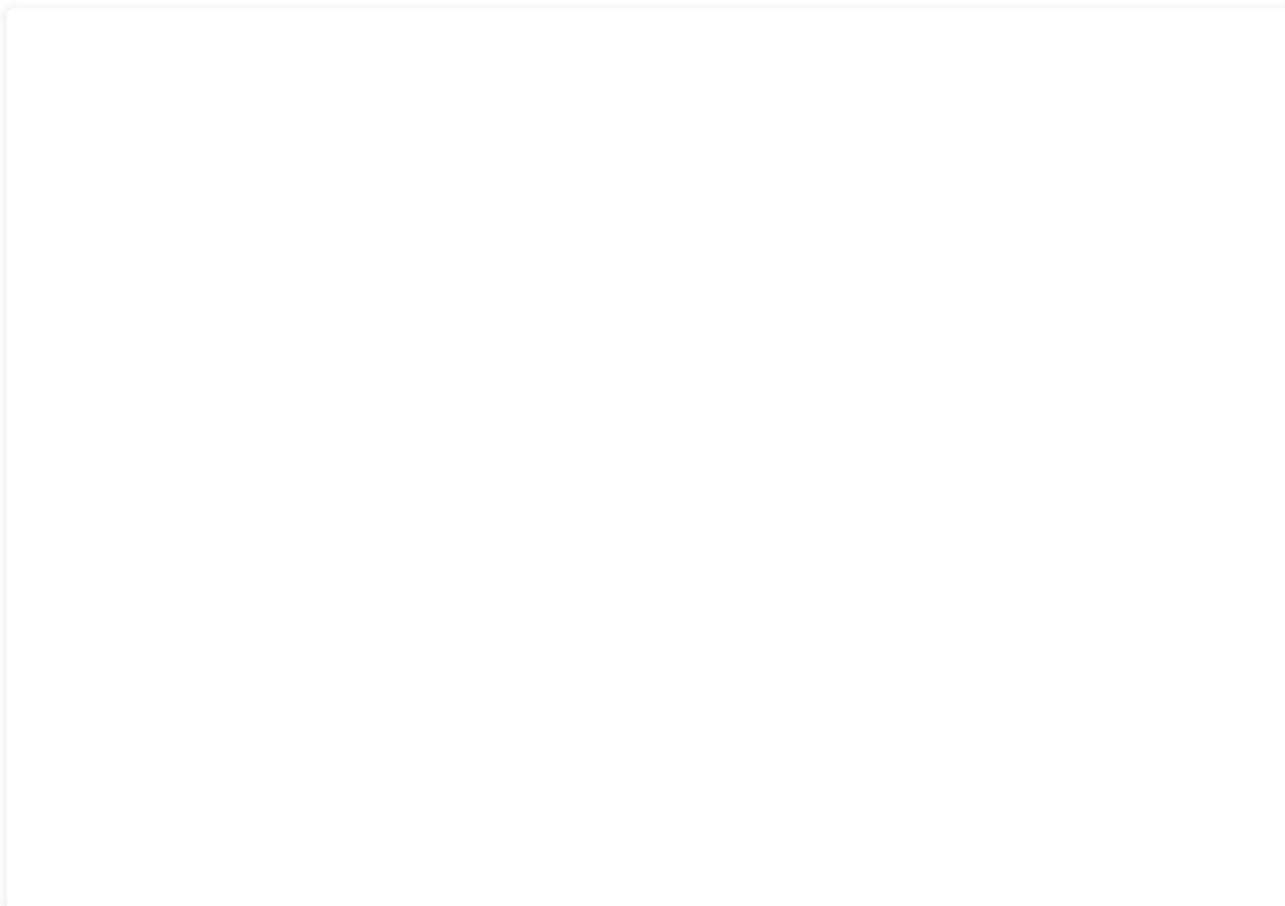
Um grupo de 300 mulheres da indústria da tevê e do cinema, entre elas Reese Witherspoon, America Ferrera, Eva Longoria, Ashley Judd, Emma Stone, Rashida Jones, Kerry Washington e Shonda Rhimes, se reuniu para discutir as medidas que poderiam ser tomadas contra os assédios e conta hoje com o apoio de executivos, agências de talentos e produtoras como a “Bad Robot” de J.J. Abrams, nas ações.

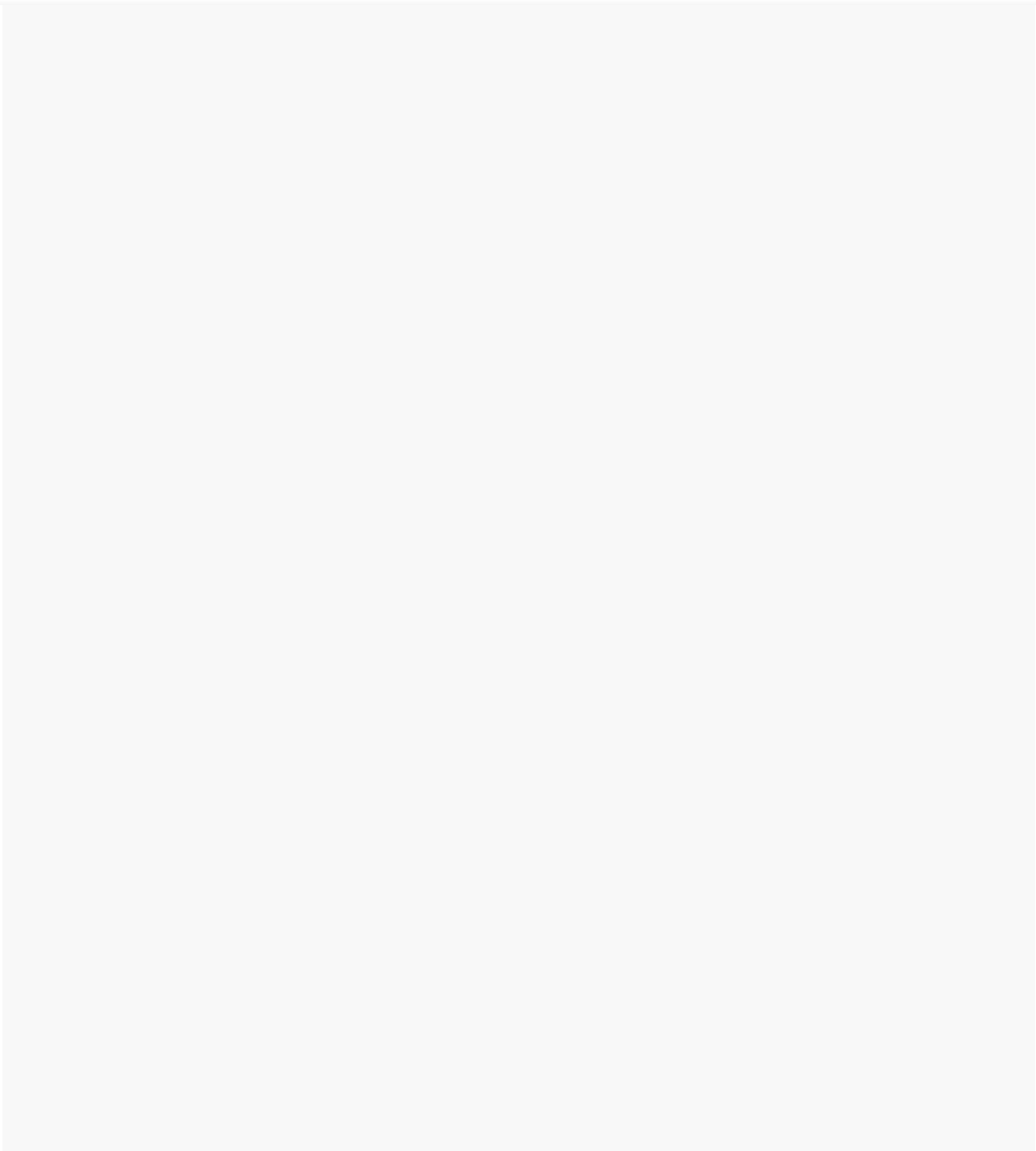
O Fundo de Defesa Legal da “Time’s Up” é liderado pelas advogadas Nina Shaw e Tina Tchen, que era até 2016 a chefe de gabinete de Michelle Obama.

Como ela surgiu?

Depois que um grupo de 700 mil trabalhadoras rurais enviou uma carta de solidariedade às mulheres de Hollywood em novembro, dizendo que elas são “irmãs”, que em ambas as indústrias mulheres experimentam os mesmos tipos de abuso e que elas estão juntas na luta contra a violência sexual e a cultura do estupro, as mulheres do show business decidiram se organizar para buscar mudanças no cenário para todas.

A carta foi extensivamente publicada nas redes sociais pelas atrizes, entre elas, Natalie Portman, que criou conta no Instagram exclusivamente para se unir e acompanhar o movimento:





#timesup Link in bio.

Uma publicação compartilhada por [Natalie Portman \(@nportmanofficial\)](#) em 1 de Jan, 2018 às 12:34 PST

O que ela muda na indústria?

Entre as diretrizes da “Time’s Up” está a negociação igualitária de salários para homens e mulheres, a exigência de maior representatividade nas posições de poder de projetos na indústria, apoio (inclusive legal) aos sobreviventes que relatarem violência, levantamento de dados sobre o cenário de representatividade e exigência da paridade de gênero em estúdios e agências — o que pode mudar como Hollywood é gerida enquanto negócio.

É possível (e espera-se) que, nas telas, acompanhemos nos próximos anos mais projetos femininos ganhando destaque como resultado direto da organização do movimento, que envolve muitas figuras importantes do cinema e da tevê seja na frente ou atrás das câmeras.

Mariana Araújo